

O COMPORTAMENTO DOS PRONOMES POSSESSIVOS SEU(S); SUA(S); DELE(S) E DELA(S) NA RECUPERAÇÃO DE SEUS ANTECEDENTES

THE BEHAVIOR OF POSSESSIVE PRONOUNS SEU(S); SUA(S); DELE(S) E DELA(S) IN THE RECOVERY OF THEIR ANTECEDENTS

Bruna Clara Santos de Almeida¹

Rafael Dias Minussi²

RESUMO

Este artigo faz uma descrição e análise dos pronomes possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s), tomando como base o Princípio B da teoria de Regência e Ligação (*Government and Binding*) (CHOMSKY, 1981), segundo o qual o pronome tem que estar livre em sua categoria de regência, isso significa que os pronomes não precisam de antecedentes, mas quando os possuem, esses não podem c-comandá-los dentro de sua categoria de regência. Entretanto, em alguns casos os pronomes possessivos seu(s); sua(s); dele(s) e dela(s) parecem ser ligados, como nas sentenças: [Pedro_i considera seu_i óculos] o mais bonito; Felipe acha [Gabriela_i orgulhosa dela_i]. Por meio de dados retirados do corpus do projeto SP2010, transcrito pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP, coordenado pelo Prof. Dr. Ronald Beline, identificamos que os pronomes possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) não atuam como prevê o Princípio B da Teoria da Ligação. A partir da perspectiva da Morfologia Distribuída, sugerimos que tais pronomes são subespecificados, porém os pronomes seu(s) e sua(s) parecem ser mais subespecificados do que dele(s) e dela(s), já que possuem vários tipos de antecedentes: 3ª pessoa, 2ª pessoa, 2G e 3G ocasionando o fenômeno de sincretismo, pois esses antecedentes possuem mais de um traço sintático-semântico, sendo retomado pelo mesmo conteúdo fonológico. Os pronomes seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) parecem possuir os traços [+anafórico, +pronominal], pois se comportam tanto como pronomes quanto como anáforas, sendo o seu(s) e sua(s) aparentemente mais anafóricos e dele(s) e dela(s) mais pronominais.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes possessivos. Princípio B. Morfologia Distribuída. Traços.

ABSTRACT

This article makes a description and analysis of possessive pronouns *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)*, and *dela(s)*, based on Principle B of the theory of Government and Binding (CHOMSKY, 1981), according to which the pronoun must be free in its regency category. This means that pronouns do not need antecedents, but when they have them, antecedents can't c-command them within their regency category. However, in some cases the possessive pronouns *seu(s)*; *sua(s)*; *dele(s)* and *dela(s)* seem to be linked, as in the sentences: (1) [*Pedro_i considera seu_i óculos*] *o mais bonito*; (2) *Felipe acha [Gabriela_i orgulhosa dela_i]*. Through data taken from the SP2010 project corpus, transcribed by the Study and Research Group in Sociolinguistics at USP, coordinated by Prof. Dr. Ronald Beline, we identify that the possessive pronouns *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* and *dela(s)* do not act as predicted by Principle B of the Binding Theory. From the perspective of Distributed Morphology, we suggest

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), bruna.clara02@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0001-8171-7860>.

² Professor Doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), rafael.minussi@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-4103-8796>.

that such pronouns are underspecified, but the pronouns *seu(s)* and *sua(s)* seem to be more underspecified than *dele(s)* and *dela(s)*, since they have several types of background: 3rd person, 2nd person, 2G and 3G causing the phenomenon of syncretism, because these antecedents have more than one syntactic-semantic feature, being retaken by the same phonological content. The pronouns *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)*, and *dela(s)* seem to have features [+anaphoric, +pronominal] since they behave both as pronouns and as anaphors, with *seu(s)* and *sua(s)* more anaphoric and *dele(s)* and *dela(s)* more pronomial.

KEYWORDS: Possessive pronouns. Principle B. Distributed Morphology. Features.

Introdução

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma descrição e análise do comportamento dos pronomes possessivos *seu(s)*, *sua(s)*, *dele* e *dela(s)*, a partir de um corpus³ formado por 709 enunciados⁴.

O ponto de partida para a descrição e análise foi a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981). Assim sendo, a fim de buscar um entendimento dessa teoria em relação aos dados do português brasileiro (PB), vamos nos apoiar na descrição encontrada em Miotto; Silva e Lopes (2016). Segundo os autores, o Princípio A determina que uma anáfora tem de estar ligada em sua categoria de regência (CR), que é o domínio onde se encontra a anáfora e seu regente: “A categoria de regência de α é o XP mínimo que contém α , o regente de α e (i) um sujeito que é distinto de α e que não contém α ; ou (ii) a flexão que atribui Caso Nominativo para α ” (MIOTTO *et al.*, 2016, p. 215). A anáfora exige a presença de um antecedente, em que se identifica referencialmente, como na sentença:

(1) [A Diana_i se_i ama]

Em (1), a anáfora ‘se’ retoma o sujeito Diana. Tal retomada ocorre dentro de sua categoria de regência e, portanto, está de acordo com o Princípio A da teoria.

Por sua vez, o Princípio B ressalta que o pronome tem que estar livre em sua categoria de regência, de modo que os pronomes não precisam de antecedentes, mas quando os possuem, esses não podem c-comandar os pronomes dentro de sua categoria de regência, mas fora deste domínio o antecedente poderá c-comandá-los⁵. No exemplo (2), apresentado a seguir, percebemos que, diferente das anáforas, o pronome ‘ele’ retoma o sujeito Pedro. Contudo, ‘ele’ e ‘Pedro’ não estão na mesma categoria de regência.

(2) O Pedro_i disse que [a Patrícia_j ama ele_i]

O Princípio C descreve que uma expressão-R tem que estar livre, como na sentença (3):

³ O corpus foi formado a partir de entrevistas do Projeto SP2010. Todo o Corpus pode ser acessado gratuitamente através de um cadastro no site <http://projetosp2010.fflch.usp.br/>.

⁴ Consistem em entrevistas retiradas do corpus, realizadas com homens e mulheres paulistanas, com a faixa etária de 19 a 34 anos, selecionados independentes da renda, com Ensino Médio completo e ou com Ensino Superior.

⁵ Miotto *et al.* (2016, p. 56) explicam a relação de c-comando: “ α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou se β é dominado pelo irmão de α ”.

(3) Luiz gosta de chocolate.

No exemplo em (3), vemos que o sujeito ‘Luiz’ está livre, pois não é retomado nem dentro e nem fora do seu domínio de regência. No PB, os pronomes possessivos seu(s); sua(s); dele(s) e dela(s), em alguns contextos, parecem ser ligados dentro de sua categoria de regência, confrontando o Princípio B da Teoria da Ligação:

(4) ? [Pedro_i considera o seu_i hamburguer o melhor da cidade]

(5) ? O João acha [a Maria_i orgulhosa dela_i]

Em (4), descrevemos uma das interpretações possíveis para a sentença “Pedro considera o seu hamburguer o melhor da cidade”. Nessa interpretação, o pronome ‘seu’ está retomando o sujeito ‘Pedro’ dentro do seu domínio de regência. Da mesma forma, em (5), a interpretação ressaltada é a de que o pronome ‘dela’ está retomando ‘Maria’ no mesmo domínio.

Diante desses e de outros dados coletados, o interesse deste trabalho é descrever e verificar o comportamento desses pronomes. Em um primeiro momento, apresentaremos as principais propriedades da Teoria da ligação (CHOMSKY, 1981), para, assim, abordar alguns aspectos sobre os pronomes possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) trazidos pela literatura linguística sobre o assunto. Em seguida, descreveremos e analisaremos os dados retirados do corpus do projeto SP2010, transcrito pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP, à luz do modelo da Morfologia Distribuída (doravante MD) (HALLE; MARANTZ, 1993). A partir desse estudo, pretendemos responder as seguintes questões: 1. Os pronomes seu(s); sua(s); dele(s) e dela(s) se comportam como prevê o Princípio B da Teoria da Ligação? 2. Há desenvolvimento dentro da MD capaz de explicar esses dados?

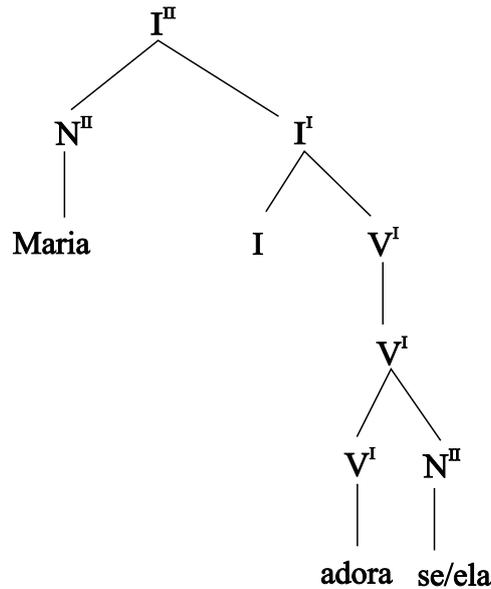
1. A teoria da ligação e seus desdobramentos

Chomsky (1981), como já dissemos, apresenta três princípios que delimitam o modo de ordenação de diferentes DPs⁶. O primeiro, o princípio A, refere-se ao funcionamento das anáforas; o princípio B refere-se aos pronomes e o princípio C trata da função das expressões referenciais.

Mioto *et al.* (2016) explicam tais princípios com base nos dados do PB. Esses autores mostram que as anáforas impõem algumas condições com relação à estrutura sintática em que aparecem, a começar pela exigência da presença do elemento que referencialmente a identificam, os chamados antecedentes. A partir da noção de c-comando, os autores demonstram que: “ α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou se β é denominado pelo irmão de α ” MIOTO *et al.* (2016, p. 210). Então, a segunda exigência feita pela anáfora consiste na ideia de que apenas um DP que c-comande a anáfora pode ser o seu antecedente. Essa combinação de elementos, segundo os autores, chama-se “ligação”. A noção de c-comando é demonstrada através da estrutura sintática formulada por Müller (1997, p. 36):

⁶ Do inglês Determiner Phrase (Sintagma Determinante).

(6)



Müller (1997, p. 36)

Na estrutura (6) está representada a sentença “Maria_i adora se_i/ela_k”, na qual o sujeito ‘Maria’ c-comanda o objeto ‘se’ ou ‘ela’. Assim sendo, tanto o ‘se’ quanto o ‘ela’ pertencem à mesma categoria de regência. Existe, portanto, um sujeito ‘Maria’ disponível ao objeto e o verbo adorar atua como regente. Em conformidade ao princípio A, a anáfora ‘se’ deve estar ligada, ou seja, coindexada a um antecedente que a c-comande neste mesmo domínio. Já o pronome ‘ela’ deve ser livre, pois não pode ser coindexado a um antecedente que o c-comande no mesmo domínio.

Ademais, Mioto *et al.* (2016) explicam que é necessário assegurar que a anáfora procure seu antecedente na própria sentença encaixada e, quando o preceito (i) não é satisfeito, a anáfora deve apurar se o preceito (ii) é satisfeito, antes de ir procurar o seu antecedente na sentença matriz. Dessa forma, os autores resumem com a seguinte constatação: “as anáforas devem ser ligadas em sua categoria de regência” (MIOTO *et al.*, 2016, p. 216).

Ao tratar dos pronomes, Mioto *et al.* (2016) explicam que, diferente das anáforas, esses não podem estar ligados na sua categoria de regência, ou seja, devem ser livres. Então, os pronomes não precisam de antecedentes, mas quando os antecedentes existem, estes não podem estar muito próximos aos pronomes, caso contrário, a sentença pode ser agramatical. Os estudiosos observam que os contextos nos quais as anáforas se dão fornecem resultados de gramaticalidade inversos das sentenças com pronomes. Com base nesses argumentos, resume-se o comportamento dos pronomes a partir da seguinte confirmação: “Os pronomes não devem ser ligados em sua categoria de regência” (MIOTO *et al.*, 2016, p. 218).

Por sua vez, as expressões referenciais, também conhecidas como expressões-R se referem aos DPs que possuem autonomia referencial. Assim como os pronomes, as expressões-R não precisam de um antecedente, de modo que são mal reformuladas em situações em que as anáforas são gramaticais, bem como, não são possíveis em contextos sintáticos adequados aos pronomes. Desse modo, diferente

dos pronomes que não podem ocorrer dentro de sua categoria de regência, as expressões-R não poderão nunca ser ligadas. Resumindo: “As expressões-R não devem ser ligadas” (MIOTO *et al.*, 2016, p.220).

2. Relações anafóricas

Passando a falar das relações anafóricas, destacamos o trabalho de Müller (2001), que explica as anáforas pronominais. Nesse estudo, a autora discute a seguinte questão: o que são pronomes e como se dá a interpretação desses? O trabalho é fundamentado em duas teses. A primeira tese é a de que um pronome pode determinar dois tipos de relações com seu antecedente: (i) a relação de correferência ou (ii) a relação de ligação. A segunda tese é a de que um pronome é sempre uma variável, em que a denotação não é fixa no léxico, ou seja, varia de acordo com uma atribuição de valores que é feita a ele, quer por sua ligação a um operador, quer por uma função contextual. Em seu trabalho, a autora defende a tese de que os pronomes devem ser sempre tratados como variáveis, de modo que a denotação não é fixa lexicalmente:

- (7) *Você* está cansada;
- (8) João brigou com Arnold Schwazenegger. *Ele se* machucou bastante;
- (9) *Ele* é o cara que *eu* conheci na festa;
- (10) Qualquer aluno gosta quando *seu* trabalho é julgado melhor que o trabalho dos outros.⁷

A partir dos exemplos (7-10), Müller (2001) explica que os itens em itálico são tradicionalmente chamados de pronomes, todos eles possuem a mesma distribuição sintática dos sintagmas nominais e não possuem uma denotação que possa ser determinada por seu significado lexical, de modo que é o significado lexical que diz que a sua referência deverá ser solucionada todas as vezes que um pronome surgir em um discurso.

A autora assume, assim como Heim e Kratzer (1998), que um pronome é uma variável, ou seja, é uma expressão em que a denotação não é fixa somente pelo seu significado lexical e varia de acordo com uma atribuição de valores. Assim sendo, Müller esclarece que nas sentenças apresentadas anteriormente, os pronomes ‘eu’ e ‘ele’, sendo variáveis num sentido semântico, irão ter sua denotação estabelecida por algum valor que pode ser atribuído em função do contexto linguístico e/ou extralinguístico. Já em sentenças como (8) e (10), a denotação do pronome ‘se’ e do pronome possessivo ‘seu’ covaria com valor de seu antecedente, podendo tomar com antecedente o nome próprio ‘Arnold Schwazenegger’ ou o sintagma quantificado ‘qualquer aluno’.

Ao falar de correferência *versus* ligação de variáveis, Müller (2001) explica que a diferença entre o uso anafórico do uso dêitico dos pronomes é que no uso dêitico, a referência de um pronome é definida pelo contexto extralinguístico, já em seu uso anafórico, a referência é definida pelo discurso, seja ele anterior ou posterior, como explicado pela autora nas seguintes sentenças:

⁷ Sentenças retiradas de Müller (2001, pp. 260-61).

(11) “João_i brigou com Arnold Schwazenegger. Ele_i se machucou bastante.”

(12) “Ninguém parecia gostar dele_i. No entanto, João_i insistia em comparecer a todas as festas.”

No exemplo (11) o ‘ele’ se refere ao nome ‘João’ mencionado anteriormente, enquanto que em (12) o pronome ‘dele’ se refere ao ‘João’ que é mencionado posteriormente.

Porém, a autora esclarece que em Teoria Gramatical assume-se que os usos anafóricos e dêiticos podem ser vistos como um fenômeno em que a referência do pronome é definida pelo contexto, linguístico ou extralinguístico. Nas duas ocorrências, o pronome se refere a um indivíduo que está eminentemente evidente no instante em que sua referência é decidida, ou seja, tanto o uso dêitico quanto o uso anafórico de um pronome são casos especiais da mesma ocorrência. Assim, os pronomes, quando variáveis, recebem tanto uma interpretação de variável presa quanto uma interpretação de (co)referência, a qual dependerá de como seu valor é definido em cada uso.

Em Müller (2000), a autora explica que o modo como os Princípios de Ligação são colocados provoca problemas para a interpretação semântica. O primeiro problema apontado pela autora é: como interpretar a coindexação? Segundo a autora, uma coindexação pode representar tanto a correferência como a ligação de variáveis.

Com o intuito de excluir da Teoria da Ligação os problemas da interpretação semântica, Reinhart (1983) apud Müller (2000, p. 15) reinterpreta as condições dos Princípio A, B e C, como um mecanismo sintático que dá às formas pronominais o status de anáfora ligada:

O conceito de anáfora ligada é ao mesmo tempo sintático e semântico. Sintaticamente temos uma anáfora ligada quando um sintagma nominal está ligado a seu antecedente. Semanticamente, temos uma anáfora ligada quando uma forma pronominal é interpretada como uma variável presa por um operador (MÜLLER 2000, pp. 15-6).

Heim & Kratzer (1998, apud. Müller, 2000) reformulam a proposta de Reinhart em termos de um princípio que admite um vínculo entre a Semântica e a Sintaxe, no qual eles chamam de “Princípio de Ligação”, tal princípio determina que uma ligação semântica respeite os princípios sintáticos, bem como uma ligação sintática deve refletir uma ligação semântica. O “Princípio de Ligação” apresentado pelos autores é demonstrado do seguinte modo: “Princípio de Ligação: Sejam α e β sintagmas de determinantes, onde β não é foneticamente vazio. Então α liga β sintaticamente na estrutura superficial se e somente se α liga β semanticamente na forma lógica” (MÜLLER 2000, p. 16).

Menuzzi (1996) também colabora com os estudos sobre os possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s). Alguns pontos levantados pelo autor são considerados em nosso trabalho. Para o autor, bem como para Müller (1997), ‘seu’ e ‘dele’ não são análogos, ou seja, não existe uma substituição de um pronome por outro, o que ocorre é uma especialização que é imposta pela característica do antecedente. O pronome ‘seu’ se comporta como variável ligada em retomadas de antecedentes que não são referenciais, os chamados genéricos e quantificadores, enquanto ‘dele’ é o possessivo que

retoma antecedentes referenciais e por isso manifestam uma correferência. Abaixo apresentamos alguns exemplos retirados de Menuzzi (1996, p. 4). Esses exemplos exemplificam a relação de distribuição, considerando a natureza do antecedente da forma ‘seu’ vs. ‘dele’:

- (13) *Quem* esqueceu {*seu* livro/(?)*o livro *dele*} em casa?
- (14) *Cada um* deve fazer {*seu* trabalho/(?)*o trabalho *dele*} sozinho.
- (15) *Qualquer linguista* quer ter {*seus* artigos/os artigos *dele*} lidos por Chomsky.
- (16) *O João* já viu um retrato {(?)?seu/dele} no jornal?

A partir das sentenças apresentadas (13), (14), (15) e (16) o autor observou que em contextos de quantificadores gerais como: ‘quem’ e ‘cada’, a forma possessiva ‘seu’ é mais produtiva em oposição a forma ‘dele’ (13 e 14). Já quando o antecedente é indefinido (15), as formas ‘seu’ e ‘dele’ podem intercalar. No entanto, quando os antecedentes são referenciais/definidos, o possessivo ‘seu’ parece o menos adequado, como apresentado na sentença (16).

Segundo Menuzzi (1996), o sistema pronominal do PB está se modificando, de modo que a forma ‘seu’ está se tornando improdutiva como forma anafórica para antecedentes de 3ª pessoa referenciais. Tal aspecto faz com que o PB se diferencie de outras línguas românicas. Com base nessa observação, o autor levanta as seguintes questões: (i) Por que a forma ‘seu’ se tornou desfavorecida na retomada do antecedente referencial? (ii) Por que essa restrição é suspensa em situações discursivas apropriadas?

Para chegar a algumas conclusões, o autor, através de um corpus retirados da narrativa “Agosto” de Rubem Fonseca, investiga um padrão em contextos que aparecem a forma ‘seu’. Menuzzi (1996) separa os trechos que apresentam discurso direto nas falas das personagens, dos trechos narrativos e discurso indireto. Os resultados mostram que nas passagens em que ocorrem discurso indireto o uso da forma possessiva ‘seu’ aparece em 94,5% das situações, já nas passagens que foram reproduzidos os discursos diretos a forma ‘dele’ foi a favorita, atingindo 84,4% dos casos, ao mesmo tempo que a forma ‘seu’ refere-se, na maioria dos casos, à 2ª pessoa em 90,8%. A partir dos dados observados em “Agosto”, Menuzzi (1996) explica que o possessivo ‘seu’, quando possui um antecedente de 3ª pessoa, é licenciado através de circunstâncias especiais do discurso, delimitadas como Princípios de Acessibilidade⁸, esses fatores são organizados entre o anafórico e o antecedente, através dos seguintes pontos:

- (i) Distância entre eles, ou seja, o anafórico está na mesma sentença que o antecedente;
- (ii) Concorrência entre os prováveis antecedentes;
- (iii) Se o antecedente é tópico ou não tópico;
- (iv) O anafórico e o antecedente estão no interior da mesma unidade do discurso.

⁸ Para um melhor entendimento sobre a Teoria da Acessibilidade ver: Ariel, M. (2001). Accessibility theory: *an overview*. In: Sanders, T., Schilperoord, J. & Spooren, W. (eds.). Text representation: linguistic and psycholinguistic aspects. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Co.

Desse modo, o autor explica a atuação do discurso da Escala de Marcação de Acessibilidade, que tem o seguinte efeito: quanto mais acessível o antecedente, menos marcado o item anafórico deve ser, isto é, quanto menos traços gramaticais o pronome expressar do seu antecedente, este será mais acessível em termos funcionais.

Menuzzi (1996) também esclarece que no PB falado, o número de vezes que ‘seu’ aparece como antecedentes referenciais de 3ª pessoa é muito inferior, ele propõe que tais contextos não promovem condições adequadas para esse possessivo no PB falado.

Em resumo, Müller (1997) e Menuzzi (1996) parecem encontrar uma solução para resolver as oposições apresentadas pelos Princípios da Teoria da Ligação. Neste estudo, pretendemos também trazer luz a essas oposições, apoiados nas propostas de Müller (1997) e Menuzzi (1996); sobretudo, ancorados no modelo teórico de Morfologia Distribuída, para compreender melhor o comportamento das formas possessivas canônicas – seu(s)/sua(s) e não canônicas dele(s)/dela(s) em contextos de ligação. Na próxima seção iremos apresentar o modelo teórico de Morfologia Distribuída que será usado no desenvolvimento da nossa análise.

3. O modelo teórico de Morfologia Distribuída

De acordo com Scher, Bassani e Minussi (2013), a MD assume a separação entre traços morfo-sintáticossemânticos e a realização fonológica desses traços, isto é, os traços são abstratos, sem conteúdo fonológico, o qual será inserido depois da derivação sintática. Entretanto, diferente da Morfologia Baseada no Léxico – MBL, a MD rejeita o aspecto não afixal e transforma a noção de morfema, para que seja possível reparar algumas violações da relação entre a forma e significados dos morfemas flexionais.

Scher, Bassani e Minussi (2013, p. 18) explicam que:

o modelo da MD foi formalmente introduzido em Halle e Marantz (1993) e se configura como um modelo de gramática que compartilha com a Teoria de Princípios e Parâmetros de uma série de ideias sobre a organização da gramática, mas apresenta um conjunto de propriedades particulares que os diferenciam. O objetivo desse distanciamento é a busca de um tratamento teórico que seja mais satisfatório para a formação de palavras.

Segundo os estudiosos, a MD propõe que qualquer processo de formação de palavras ou de constituintes maiores (sintagmas e sentenças) ocorre no Sistema Computacional, em outras palavras, no componente sintático. Assim sendo, as mesmas operações que formam as sentenças (concatenar/mover) estão na base dos processos de formação de palavras. Consequentemente, essas operações vão manipular elementos básicos, traços e raízes, e é através deles que palavras e sentenças vão ser geradas.

Os autores ressaltam ainda que, para a MD, não existem elementos linguísticos exclusivos que são dedicados a formações, sejam derivacionais ou flexionais ao passo que, não há operações singulares para os tipos de formações, isto é, toda formação é sintática, sendo consequência de operações combinatórias que ocorrem no Sistema Computacional. Essa propriedade do modelo ficou conhecida como Estrutura Sintática por toda a derivação⁹.

⁹ Do inglês *Syntactic Structure all the way down* (HARLEY; NOYER, 1999).

Scher, Bassani e Minussi (2013) apontam também que, com a supressão do modelo gerativo de Lógico, é necessário admitir outras formas de armazenamento de informações. Para eles, a distribuição da morfologia retoma a ideia antiga dos estudos linguísticos, em que a morfologia não deve ser tratada isoladamente; sobretudo, deve-se considerar a integração que mantém com a fonologia, sintaxe e semântica.

Retomando a discussão dos elementos primitivos que vão alimentar a derivação sintática, na MD, a sintaxe opera com um conjunto de traços abstratos. Os pesquisadores destacam que esses traços podem ser gramaticais e/ou semânticos:

[singular], [plural], [dual], [paucal], [1], [2], [3], [passado], [presente], [futuro], [perfectivo], [imperfectivo], [nominativo], [acusativo], [dativo], [causa], [reflexivo], [determinante], [ativa], [passiva], entre muitos outros a depender da proposta de análise, e núcleos categorizadores n (nome), v (verbo), a (adjetivo), além de funcionais, tais como T (Tempo), C (Complementizador), Asp (Aspecto), Voice. (SCHER, BASSANI e MINUSSI, 2013, p. 23).

Tais traços são armazenados em um local denominado de Lista 1 e são manipulados pelo Sistema Computacional, que forma conjuntos de traços abstratos, cujo conteúdo fonológico final, como já dissemos, será definido somente após a atuação de operações morfológicas, após o término da derivação sintática e envio da estrutura sintática formada para PF (do inglês *Phonological Form* ‘Forma Fonológica’). Essa propriedade ficou conhecida como Inserção Tardia (*Late Insertion*) de conteúdo fonológico (cf. HALLE; MARANTZ, 1993).

Os autores explicam que o processo de Inserção Tardia é ordenado pelos Itens de Vocabulários (IVs), que são regras que caracterizam uma relação que ocorre entre uma expressão fonológica e um traço gramatical ou semântico e, ocasionalmente, um contexto de inserção. Tais itens estão armazenados na Lista 2.

Os autores também explicam a propriedade de Subespecificação¹⁰ dos IVs. Essa propriedade é comandada pelo Princípio do Subconjunto, segundo o qual os IVs não precisam ser integralmente especificados para a aplicação de uma determinada posição sintática, precisam apenas possuir traços que não existem no nó terminal. Essa Subespecificação age sobre os IVs e não sobre esses nós, que continuam plenamente especificados. Tais IVs competem para a inserção em um nó-terminal, revelam os autores, ao contrário do que acontece nas teorias lexicalistas.

4. Metodologia

Através de um corpus do projeto SP2010, coletado e transcrito pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP, o qual foi coordenado pelo Prof. Dr. Ronald Beline, selecionamos alguns enunciados de entrevistas, realizados com um grupo de vinte pessoas, dez homens e dez mulheres, com a faixa etária de 19 a 34 anos, com o Ensino Médio e ou Ensino Superior completo. O perfil socioeconômico não foi considerado para a seleção do corpus utilizado.

¹⁰ Do Inglês Underspecification.

Para selecionar os enunciados que continham os pronomes possessivos seu(s); sua(s); dele(s) e dela(s) em contextos anafóricos, utilizamos o programa AntConc. Esse programa é um *freeware* (programa de computador gratuito à disposição dos usuários) desenvolvido pelo Lawrence Anthony e está disponível para download¹¹.

A fim de organizar os enunciados para uma melhor análise, utilizamos o aplicativo – Excel. Os enunciados foram organizados da seguinte maneira: coluna A – contendo os pronomes; B – Gênero do Entrevistado que não foi levado em consideração; coluna C – Pessoa, ou seja, a pessoa a qual o pronome está retomando: 2ª; 3ª ou se é 2ª, ou 3ª pessoa generalizante. Neste estudo a sigla 3G foi criada para especificar os casos em que a pessoa do antecedente é uma 3ª pessoa, mas é generaliza, como por exemplo: todo mundo, o povo, as mulheres, cada um, etc. Já a sigla 2G será utilizada para designar também uma pessoa generalizada, mas em casos em que a 2ª pessoa ‘você’ se refere a qualquer pessoa, se comportando como um pronome de 2ª pessoa indeterminada. Utilizamos a coluna D para especificar se o enunciado pertence ao entrevistado ou ao entrevistador, em que o entrevistado é representado por F (falante) e o entrevistador por E; na coluna E, inserimos o item anafórico, para descrever se a retomada do pronome ocorre dentro ou fora da Categoria de Regência (CR) – RD (Retomada dentro de CR), RF (Retomada fora de CR).

Neste estudo, consideramos apenas os enunciados do entrevistado, em que será visualizado várias situações nas quais os pronomes vão agir - retomando um sujeito ou não e não apenas em contextos de perguntas, como ocorre nos enunciados do entrevistador, que são direcionadas a um interlocutor que está ali presente, evitando um enviesamento dos dados.

5. Análise e descrição do fenômeno em contextos anafóricos

O corpus completo possui 709 enunciados. Nele há situações em que os pronomes aparecem antes do sujeito, por exemplo: “e com **seus** amigos você, **vocês** saiam pra outros bairros”. Nesses contextos, não consideramos que ocorreu uma retomada. Além disso, escolhemos demarcar o tamanho do enunciado com dez palavras a esquerda e dez a direita do pronome, então, desconsideramos também os contextos em que o sujeito que o pronome está retomando não aparece. Delimitamos a análise, focando apenas nos enunciados do entrevistado e os contextos RD e RF, que são os contextos que nos interessam. Assim, a quantidade de enunciados foi reduzida de 709 para 242 enunciados.

Entre os pronomes possessivos que serão analisados, o mais recorrente nos enunciados é o “dele”. O quadro 1, apresentado a seguir, demonstra quantas vezes cada pronome aparece. Também observamos a quantidade de vezes que cada pronome aparece nos contextos RD e RF.

¹¹ <http://www.laurenceanthony.net/software.html>.

Quadro 1: Pronomes seu(s)/sua(s)/dele(s) e dela(s) em cada contexto

| seu(s)/sua(s) | | | | | | | |
|--------------------|------------|------------|-------------|-------------------------|-------------|-------------|-------------|
| Ocorrências | | | | Percentual | | | |
| Pronome | RD | RF | Total Geral | Pronome | RD | RF | Total Geral |
| seu | 22 | 15 | 37 | seu | 59,4 | 40,6 | 100 |
| seus | 6 | 3 | 9 | seus | 66,6 | 33,4 | 100 |
| sua | 27 | 13 | 40 | sua | 67,5 | 32,5 | 100 |
| suas | 4 | 2 | 6 | suas | 66,6 | 33,4 | 100 |
| Total | 59 | 33 | 92 | Percentual | 64,1 | 35,9 | 100 |
| dele(s)/dela(s) | | | | | | | |
| Ocorrências | | | | Percentual | | | |
| Pronome | RD | RF | Total Geral | Pronome | RD | RF | Total Geral |
| dela | 19 | 31 | 50 | dela | 38 | 62 | 100 |
| delas | 2 | 5 | 7 | delas | 28,6 | 71,4 | 100 |
| dele | 20 | 36 | 56 | dele | 35,7 | 64,3 | 100 |
| deles | 15 | 22 | 37 | deles | 40,5 | 59,5 | 100 |
| Total | 56 | 94 | 150 | Percentual | 37,3 | 62,7 | 100 |
| Total Geral | 115 | 127 | 242 | Percentual Total | 47,6 | 52,4 | 100 |

Com base no quadro 1, observamos que os pronomes seu(s) e sua(s) aparecem em 92 sentenças. Em 64,1% dos casos, esses pronomes ocorreram no contexto de RD, enquanto os pronomes dele(s) e dela(s), das 150 vezes que aparecem, 62,7% foi no contexto de RF. Ou seja, os pronomes seu(s) e sua(s) ocorrem mais em contexto de RD e os pronomes dele(s) e dela(s) ocorrem mais em contexto de RF.

Verificamos nos quadros 2 e 3 apresentados a seguir, os tipos de antecedentes. O quadro 2 possui a quantidade de ocorrências e o quadro 3 possui o percentual das ocorrências. A partir dessa descrição, percebemos que os pronomes seu(s) e sua(s) possuem diversos antecedentes: 2^a, 3^a pessoa, 3G e 2G:

Quadro 2: ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes seu(s)/sua(s) retomam

| Ocorrências | | | | | |
|--------------------|----------|----------|-----------|-----------|-------------|
| Pronome/Pessoa | 2 | 3 | 2G | 3G | Total Geral |
| seu | 2 | 3 | 14 | 18 | 37 |
| seus | 0 | 1 | 3 | 5 | 9 |
| sua | 3 | 3 | 17 | 17 | 40 |
| suas | 0 | 0 | 2 | 4 | 6 |
| Total Geral | 5 | 7 | 36 | 44 | 92 |

Quadro 3: Percentual do tipo de pessoa que os pronomes seu(s)/sua(s) retomam

| Percentual | | | | | |
|-------------------------|------------|-------------|------------|-------------|-------------|
| Pronome/Pessoa | 2 | 2G | 3 | 3G | Total Geral |
| seu | 5,4 | 37,8 | 8,1 | 48,7 | 100 |
| seus | 0 | 33,3 | 11,1 | 55,6 | 100 |
| sua | 7,5 | 42,5 | 7,5 | 42,5 | 100 |
| suas | 0 | 33,3 | 0 | 66,7 | 100 |
| Percentual Total | 5,4 | 39,2 | 7,6 | 47,8 | 100 |

O antecedente na pessoa 3G parece ser escolha preferida dos falantes, já que, de acordo com o quadro 2 e 3, das 92 sentenças em que os pronomes seu(s) e sua(s) aparecem, 44 casos são utilizados para retomar uma 3G, isso equivale a 47,8% dos casos. Em seguida está a pessoa 2G, utilizada em 36 situações, isto é, 39,2% dos casos.

Nos quadros 4 e 5 a seguir, descrevemos as formas dele(e) e dela(s), que possuem apenas antecedentes na 3ª pessoa e 3G, porém a 3ª pessoa é muito mais recorrente, cerca de 95,3% das vezes:

Quadro 4: ocorrências do tipo de pessoa que os pronomes dele(s) e dela(s) retomam

| Ocorrências | | | | | |
|--------------------|----------|----------|------------|----------|-------------|
| Pronome/Pessoa | 2 | 2G | 3 | 3G | Total Geral |
| dela | 0 | 0 | 48 | 2 | 50 |
| delas | 0 | 0 | 5 | 2 | 7 |
| dele | 0 | 0 | 55 | 1 | 56 |
| deles | 0 | 0 | 35 | 2 | 37 |
| Total Geral | 0 | 0 | 143 | 7 | 150 |

Quadro 5: Percentual do tipo de pessoa que os pronomes dele(s) e dela(s) retomam

| Percentual | | | | | |
|-------------------|----------|----------|-------------|------------|-------------|
| Pronome/Pessoa | 2 | 2G | 3 | 3G | Total Geral |
| dela | 0 | 0 | 96 | 4 | 100 |
| delas | 0 | 0 | 71,4 | 28,6 | 100 |
| dele | 0 | 0 | 98,2 | 1,8 | 100 |
| deles | 0 | 0 | 94,6 | 5,4 | 100 |
| Percentual | 0 | 0 | 95,3 | 4,7 | 100 |

De acordo com o quadro 4 e 5 as formas dele(s) e dela(s) possuem apenas dois tipos de antecedentes (3G e 3ª pessoa); porém, das 150 sentenças nas quais tais elementos aparecem, os antecedentes são 3G em apenas em 4,7% dos casos. Isso significa que em contextos de ligação os pronomes dele(s) e dela(s) são muito mais produtivos quando possuem antecedentes na 3ª pessoa.

5.1. Pronomes possessivos canônicos: seu(s) e sua(s)

Nesta seção, descreveremos algumas características dos pronomes seu(s) e sua(s) em contextos anafóricos, a partir de algumas sentenças retiradas do corpus.

Vejam algumas sentenças em que aparecem os pronomes seu(s) e sua(s):

- (17) [eu acho que as mulheres_i também têm que ter os seu_i direito iguais] assim com o homem
- (18) [cada um_i tem o seu_i momento certo] e eu acho que está faltando isso um pouco
- (19) [está todo mundo_i olhando pro seu_i umbigo]
- (20) [o povo_i sai do do dos seus_i estados né?] e vem tentar a vida em São Paulo né?
- (21) [você_i não ganha um trabalho pela sua_i capacidade]
- (22) [a gente_i respeita o que cada um quer da sua_i vida]
- (23) [você_i via então confissões de adolescente na sua_i época né?]
- (24) [você_i não pode sair fazendo qualquer coisa na rua] uhum [tem que ter a sua_i a sua privacidade] e eu não não sou contra não eu sou sou a favor.
- (25) [cada umi vai pro seu_i lado] [cria a sua_i vida] eu já não eu já não penso assim
- (26) ahn e cresceu... lá... [eu_i veio pra São Paulo] [acho que já com seus_i vinte e poucos anos] ne começou a trabalhar na metalúrgica.

Utilizando um dos pressupostos da MD, descreveremos as características dos pronomes nessas sentenças por meio de traços. Detalharemos os traços, levando em conta a anaforicidade, a posição pré/pós nominal e a natureza do antecedente.

O primeiro aspecto elucidado a partir das sentenças e a partir dos dados apresentados na seção anterior é que os pronomes seu(s) e sua(s) aparecem mais em contextos de RD, tendo um comportamento semelhante às anáforas, que devem estar ligadas dentro de sua CR. Desse modo, descreveremos essa característica por meio dos traços [+anafóricos, -pronominais]. Embora os pronomes seu(s) e sua(s) apareçam mais nos contextos de RD, percebemos que aparecem também em contextos de RF, como nos enunciados (24-26).

Observamos que a maioria dos antecedentes estão na 3ª pessoa, aparentemente generalizadas. Nos enunciados, a 3ª pessoa generalizante (3G) é usada para fazer referência mais gerais como, por exemplo: ‘o povo’; ‘a gente’; ‘todo mundo’, ‘cada um’, bem como o ‘você’ indeterminado (2G) na sentença (21). Na sentença (23), o pronome ‘sua’ retoma uma 2ª pessoa, o ‘você’.

A partir das sentenças, observamos que as formas possessivas ‘seu(s)’ e ‘sua(s)’ podem recuperar referentes na 2ª pessoa, 3ª pessoa, 2G e 3G, possuindo então os seguintes traços para a pessoa do antecedente: [+2ªpessoa, +3ªpessoa, +2G, +3G]. No entanto, como vimos a partir dos dados apresentados nos quadros 2 e 3, os pronomes seu(s) e sua(s) são mais produtivos com antecedentes na 2G e 3G, com isso, já é possível verificar que pelo menos em contextos orais os pronomes seu(s) e sua(s) são utilizados na maior parte das vezes para retomar antecedentes generalizados. Portanto,

assim como descrito em Menuzzi (1996), percebemos que no PB falado, o número de vezes que ‘seu’ aparece com antecedentes referenciais de 3ª pessoa é muito inferior à quantidade de vezes em que ele aparece com antecedentes generalizantes.

Embora os pronomes seu(s) e sua(s) possam possuir tanto antecedentes específicos e definidos quanto antecedentes não-específicos e não-definidos nas sentenças, eles retomam mais as 2ª pessoas e 3ª pessoas generalizantes (2G e 3G). Desse modo, vamos considerá-los [–específico] e [–definido]. Para exemplificarmos o comportamento desses traços, podemos substituir o antecedente do exemplo (22) por um antecedente [+específico] e [+definido]. Após essa substituição, teríamos:

(27) [João_i respeita o que ele_i quer da sua_i vida]

O exemplo em (27) também passa a ter uma nova interpretação, pois o pronome ‘sua’ pode se referir não apenas a ‘João’, mas também a alguém fora da CR. Desse modo, nesta análise vamos considerar que os pronomes seu(s) e sua(s) em contextos anafóricos parecem não ser ambíguos, quando possuem um antecedente [–específico] e [–definido].

Em relação à posição, as formas possessivas ‘seu(s)’ e ‘sua(s)’ aparecem apenas em posição pré-nominal: em (17) ‘seu direito iguais’; (18) ‘seu momento certo’; (19) ‘pro seu umbigo’; (20) ‘dos seus estados’; (21) ‘pela sua capacidade’; (22) ‘da sua vida’; (23) ‘na sua época’; (24) ‘sua privacidade’; (25) ‘seu lado’/ ‘sua vida’ e em (26) ‘seus vinte e poucos anos’. Apesar das formas canônicas funcionarem também em posição pós-nominal, dentro das relações anafóricas, a posição pré-nominal parece ser a preferida para os falantes. Se alternarmos a posição dos pronomes em uma dessas sentenças, a sentença pode parecer estranha para alguns falantes. Vejamos no exemplo a seguir, quando alternamos a posição do pronome ‘seu’ da sentença (19), reescrita em (28):

(28) [?está todo mundo_i olhando pro umbigo seu_i]

Quando a posição do pronome é alternada, como em (28), a sentença parece se tornar ambígua, pois ‘seu’ pode se referir a ‘todo mundo’, mas também parece se referir a um sujeito que não está saliente no discurso. Neste contexto, o pronome ‘seu’ não é interpretado como uma anáfora, de modo que temos um exemplo do seu uso como dêitico, em que a referência do pronome é definida pelo contexto extralinguístico, ou seja, alguma situação que o pronome é mencionado após um gesto em que se aponta para uma determinada pessoa/objeto. É extralinguístico, pois não depende do discurso. Sendo assim, vamos considerar que os traços que expressam a posição das formas possessivas canônicas, dentro das relações anafóricas, são [+pré-nominal, –pós-nominal].

Através dos dados levantados na seção anterior é possível perceber que os pronomes seu(s) e sua(s) são os únicos que retomam 2G. No enunciado (21), notamos que o ‘você’ não está se referindo a um indivíduo específico, mas parece se referir a qualquer indivíduo, por isso é generalizado.

Souza (2015) faz um estudo aprofundado sobre o uso do ‘você’ em contextos de referência indeterminada. A autora explica que:

[...] não devemos fazer análises isoladas, levando em consideração apenas o nível sintático, mas também os níveis semântico, pragmático e discursivo das situações concretas de uso. Como também, chamamos atenção que é aí que a estrutura da língua é adquirida, é onde a forma se ajusta na função que passou a servir, como a forma pronominal *you*, utilizada frequentemente para contextos anafóricos e dêiticos, mas que passou a adquirir referência indeterminada em dadas situações comunicativas (SOUZA, 2015, p. 111).

Quando olhamos para os contextos nos quais o ‘*you*’ indeterminado aparece nas entrevistas, percebemos que ele é sempre retomado pelas formas *you*(s) e *you*(s) e nunca por *he*(s) e *she*(s). De acordo com Müller (2000), o pronome muitas vezes não se refere a qualquer entidade, é o caso dos pronomes com antecedentes quantificados, pronomes relativos e interrogativos. Diante disso, vemos que esse aspecto trazido pelo estudo de Müller (2000) sobre a natureza do antecedente, pode se referir também aos casos de 2G.

Como vimos anteriormente, existem dois tipos de relações anafóricas, segundo Müller (2000):

correferência e ligação de variáveis. Como assumimos que todos os pronomes são variáveis, o fato de estes receberem uma interpretação (co-)referencial ou de variável presa, irá depender de como seu valor é determinado em cada caso. Um pronome referencial tem sua interpretação determinada por uma função que atribui um indivíduo enquanto valor de uma variável. Já a interpretação de variável ligada significa que o valor do pronome é determinado pelo seu antecedente e independe de qualquer função (con)textual (MÜLLER, 2000, p. 8).

Analisando os contextos em que os pronomes *you*(s) e *you*(s) aparecem, identificamos que as relações anafóricas ocorrem como ligação de variáveis, ou seja, a relação anafórica em que os pronomes *you*(s) e *you*(s) aparecem mais são [+ligação de variáveis, -correferência]. Müller (1997) argumenta que ocorre uma especialização das formas possessivas ‘*you*’ e ‘*he*’, de modo que, ‘*you*’ é escolhido para atuar como variável presa e ‘*he*’ para expressar uma relação semântica de correferência. Tais formas, segundo a autora, estão sujeita às imposições sintáticas decorrentes deste modo de funcionamento.

Em (25), ‘*each one*’, que é interpretado como 3ª pessoa generalizante (3G), é retomado por ‘*you*’ dentro de CR, mas em seguida é retomado por ‘*you*’ fora de CR. Já em (26), embora o referente não esteja evidente, a ‘*ec*’, que é uma categoria vazia, pode se referir a um ‘*he*’ implícito, ou seja uma 3ª pessoa, que é retomada por ‘*you*’ fora da CR. As ‘*ecs*’, segundo Miotto *et al.* (2016), correspondem a DPs que podem ser classificadas a partir da Teoria da Ligação. Os autores explicam que esse tipo de ‘*ec*’ possui uma versão sem matriz fonética de um verdadeiro pronome, com propriedades de distribuição complementar semelhantes. Esse tipo de ‘*ec*’ é chamada de ‘*pro*’ (*prozinho*).

5.2. Pronomes possessivos não-canônicos: *he*(s) e *she*(s)

Os pronomes *he*(s) e *she*(s) aparecem nos dois contextos, RD e RF, porém são mais utilizados em RF. Vejamos algumas sentenças retirada do corpus, em que tais pronomes aparecem em contexto RF:

- (29) [tem uma moça_i que trabalha comigo] [que ela_i é da Bahia] [e eu acho lindo o sotaque dela_i]
- (30) [ele resolveu registrar ela_i] [mas porque ele voltou a namorar com a mãe dela_i]
- (31) [um sítio inclusive que o meu pai_i morou quando criança]... né que legal [os amigos dele_i estavam lá] receberam a gente
- (32) [aqui aonde eu moro são cinco sobrados_i]... quatro deles_i já foram assaltados
- (33) [o dinheiro_i hoje você tem amanhã não tem] [mas a gente... não é que a gente é... escravo dele_i]
- (34) [uma pessoa_i que] [acabou de... perder tudo na casa dela_i... né?]

Nesses enunciados, observamos que os pronomes agem dentro do que espera o Princípio B da Teoria da Ligação, ou seja, eles não estão ligados em sua CR. Em (29) o pronome ‘dela’ está retomando o referente ‘moça’ e ‘ela’ ao mesmo tempo, mas essa ligação ocorre fora do domínio de regência. O mesmo ocorre nos enunciados subsequentes. No entanto, esses pronomes também podem aparecer ligados dentro de sua CR, como nos seguintes enunciados:

- (35) [meu namorado_i por exemplo eh [ele_i é super próximo da família dele_i]
- (36) [porque a minha mãe_i tinha a mãe dela_i viva] a minha vó era viva ainda
- (37) [eles_i sempre eles_i tem associações deles_i]
- (38) [meu ex-namorado_i roubaram duas vezes o carro dele_i em Pinheiros]

Diante dos enunciados apresentados acima, vemos que as formas possessivas dele(s) e dela(s), ora aparecem fora de CR, como nos exemplos de (29-34), ora dentro de CR como nas sentenças (35-38). Ao atribuir alguns traços para esses pronomes, o primeiro aspecto que pode ser elucidado é que os pronomes dele(s) e dela(s) aparecem mais em contextos de RF, comportando-se como pronomes de fato. Desse modo, esses pronomes podem ser descritos como [+pronominais, –anafóricos].

Através dos enunciados e dos dados apresentados anteriormente nos quadros 4 e 5, percebemos que as formas dele(s) e dela(s) podem retomar também antecedentes de 3G, como demonstrado em (34). Nesta sentença, o sujeito ‘uma pessoa’ parece se comportar como sintagma quantificado. Então, em relação ao antecedente, diferente dos pronomes seu(s) e sua(s) que possuem antecedentes diversos, as formas não canônicas retomam apenas a 3ª pessoa e a 3G; contudo, é muito mais recorrente quando usado para retomar um antecedente na 3ª pessoa. Portanto, os antecedentes dos pronomes dele(s) e dela(s) são [+3ª pessoa, –2ª pessoa, –2G, –3G].

Diferente do que vimos com as formas canônicas, os antecedentes dos pronomes dele(s) e dela(s) serão, na maioria dos casos, especificados e definidos. Para ilustrar tal proposição, vamos

tomar a sentença (22) apresentada na seção anterior, a qual contém uma forma possessiva canônica, e, no lugar dessa sentença, vamos inserir a forma não-canônica ‘dele’. Vejamos a sentença (39):

(39) ?[a gente_i respeita o que cada um_i quer da vida dele_i]

Nota-se que o pronome ‘dele’ parece não poder ser ligado ao antecedente ‘a gente’ e ‘cada um’, pois a sentença fica agramatical. Porém, se considerarmos que o pronome ‘dele’ não está retomando nenhum dos dois antecedentes, mas está se referindo a outro sujeito não saliente no enunciado, a sentença é considerada gramatical. Por este motivo, em contextos que as formas possessivas não-canônicas são utilizadas em uma relação anafórica, espera-se encontrar antecedentes [+definido] e [+específico].

No que se refere à posição em que o pronome aparece nas sentenças, as formas possessivas dele(s) e dela(s) aparecem apenas em posição pós-nominal: (29) ‘sotaque dela’; (30) ‘mãe dela’; (31) ‘amigos dele’; (32) ‘quatro dele’; (33) ‘escravo dele’; (34) ‘casa dela’; (35) ‘família dele’; (36) ‘mãe dela’; (37) ‘associações deles’; (38) ‘carro dele’. Quando alternamos a posição desses elementos nas sentenças, para pré-nominal, as sentenças tornam-se agramaticais. No exemplo (40) a seguir, alternamos a posição do pronome ‘dele’ da sentença (38):

(40) *[meu ex-namorado_i roubaram duas vezes o dele_i carro em Pinheiros]

Desse modo, a posição das formas possessivas não-canônicas, dentro das relações anafóricas são [–pré-nominal, +pós-nominal].

Em relação aos contextos em que os pronomes dele(s) e dela(s) aparecem, a relação anafórica em que esses pronomes aparecem são ambas: ligação de variáveis e correferência; porém, como tais formas retomam na grande maioria dos casos antecedentes referenciais, manifestando uma correferência, podemos considerar que são descritos pelos traços [–ligação de variáveis + correferência].

5.3. Proposta de análise

A utilização da MD em nossa análise se justifica pelo fato de que será possível realizar uma análise mais elegante e satisfatória sobre o porquê de os pronomes possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) poderem ser interpretados ora como anáforas, ora como pronomes. Sobretudo, a partir desse modelo teórico será possível discutir a categoria desses elementos e compreender se são uma categoria especial de pronome.

Retomando algumas ideias, para a MD, na Lista 1 estão os elementos primitivos, traços morfossintáticos e semânticos, além de categorizadores e núcleos funcionais, que serão manipulados pela sintaxe. Todos esses elementos não possuem material fonológicos (BASSANI; MINUSSI, 2020).

Ressaltamos ainda um fenômeno presente nas línguas e que está ligado aos nossos dados. Notamos que os pronomes seu(s) e sua(s) podem possuir diversos tipos de antecedentes, nas sentenças em que tais pronomes aparecem, eles retomam antecedentes de 3ª pessoa, 2ª pessoa, 2G e 3G. O

sincretismo, segundo Lazzarini-Cyrino (2015) é um dos fenômenos mais instigantes nos estudos da Morfologia, pois ocorre quando traços sintático-semânticos diferentes são realizados pelo mesmo conteúdo fonológico. Assim sendo, os pronomes seu(s) e sua (s) estão realizando diferentes traços no PB, o que pode caracterizar o fenômeno de sincretismo nessas formas.

A seguir retomamos as sentenças (21), (22) e (23) que possuem os antecedentes 2G, 3G e 2ª pessoa respectivamente:

Quadro 6: Pronome possessivo canônico em relação anafórica com seu antecedente

| Antecedente | Pronome possessivo canônico em relação anafórica |
|-------------|---|
| 2G | (41) [você _i não ganha um trabalho pela sua _i capacidade] |
| 3G | (42) [a gente _i respeita o que cada um _i quer da sua _i vida] |
| 2ª pessoa | (43) [você _i via então confissões de adolescente na sua _i época né?] |

A partir do quadro 6, sugerimos que o item /seu(s)/sua(s)/ é subespecificado para os traços da pessoa do antecedente, uma vez que não precisa ser plenamente especificado para a inserção em uma determinada posição sintática. Assim, um item pode possuir menos traços que os traços existentes no nó terminal. Os traços que são manipulados pelo Sistema Computacional recebem a sua forma fonológica tardiamente, através do processo de Inserção Tardia de material fonológico que ocorre através da operação de *spell-out* fonológico.

A fim de analisar os pronomes por meio de traços, apresentaremos o quadro 7 a seguir, para explicar cada traço sugerido:

Quadro 7: Traços de Anaforicidade, pessoa do antecedente, posição do pronome, relação anafórica e definitude e especificidade do antecedente

| | | |
|------------------------------|----------------------------------|--|
| Anaforicidade | [+/-anafórico, +/-pronominal] | Quando o pronome apresenta mais características de anáfora será [+anafórico], ou seja, casos em que são ligados em sua CR. São [+pronominal] quando apresentarem mais características de pronomes, casos em que os pronomes são ligados somente fora de sua CR. |
| Pessoa do antecedente | [+/-2, +/- 3, +/- 2G, +/- 3G] | Quando o antecedente for, por exemplo, 'você' será [+2], bem como quando possuir um antecedente que seja um sujeito determinado, como: 'João' será [+3]. A pessoa [+2G] foi criada nesse estudo para designar o antecedente 'você' em referência indeterminada. Casos em que o sujeito for indeterminado, ex.: 'cada um' será [+3G]. |
| Posição do pronome | [+/-pré-nominal, +/-pós-nominal] | A posição se refere ao lugar onde o pronome está posicionado, ou seja, antes ou depois do nome, de modo que quando estiver antes do nome será [+pré-nominal] e quando estiver após o nome será [+pós-nominal]. |

| | | |
|---|---|--|
| Relação anafórica | [+/-ligação de variáveis, +/-correferência] | Como vimos em Müller (2000), a interpretação de ligação de variáveis significa que o valor do pronome é determinado pelo seu antecedente e independe de qualquer função (con)textual [+ligação de variável]. Já a interpretação de correferência se dá quando um pronome possui sua interpretação determinada por uma função que atribui a um indivíduo enquanto valor de uma variável [+correferência]. |
| Definitude e especificidade do Antecedente | [+/-definido, +/- específico] | Em casos que possuem antecedente genérico, o pronome receberá o traço [-definido, -específico], por exemplo: 'todos'. Enquanto nos casos com antecedentes determinados, o pronome será [+definido, +específico], por exemplo: 'João'. |

No quadro 8, sugerimos os seguintes traços para descrevermos os pronomes seu(s) e sua(s):

Quadro 8: Criação de traços para os pronomes seu(s) e sua(s) com foco na natureza dos antecedentes

| Antecedente | Pronome | Traços |
|-------------|-----------------|--|
| [2ª pessoa] | seu(s)/sua(s) ↔ | [+anafórico, -pronominal, +2ª pessoa, -3ª pessoa, -2G, -3G, +ligação de variáveis, -correferência, -específico, -definido, +pré-nominal, -pós-nominal] |
| [3ª pessoa] | seu(s)/sua(s) ↔ | [+anafórico, -pronominal, -2ª pessoa, +3ª pessoa, -2G, -3G, +ligação de variáveis, -correferência, -específico, -definido, +pré-nominal, -pós-nominal] |
| [2G] | seu(s)/sua(s) ↔ | [+anafórico, -pronominal, -2ª pessoa, -3ª pessoa, +2G, -3G, +ligação de variáveis, -correferência, -específico, -definido, +pré-nominal, -pós-nominal] |
| [3G] | seu(s)/sua(s) ↔ | [+anafórico, -pronominal, -2ª pessoa, -3ª pessoa, -2G, +3G, +ligação de variáveis, -correferência, -específico, -definido, +pré-nominal, -pós-nominal] |

Segundo Embick (2015), os IVs subespecificados permitem que o sincretismo seja verificado como não acidentais, já que fornecem um mecanismo pelo mesmo IV, ou seja, o mesmo expoente fonológico. A partir do quadro 8, podemos concluir que o IV /seu(s)/sua(s)/ possui os seguintes traços:

- (44) /seu(s)/sua(s)/ ↔ [+anafórico, -pronominal, +ligação de variáveis, -correferência, -específico, -definido, +pré-nominal, -pós-nominal]

De acordo com Embick (2015), a Inserção Tardia permite que algumas generalizações sejam maximizadas pela redução do número de IVs, de modo que, um sincretismo é encontrado, quando traços sintáticos-semânticos distintos são realizados fonologicamente do mesmo modo.

Na perspectiva do autor, podemos dizer que a realização dos morfemas abstratos de 2ª pessoa, 3ª pessoa, 2G e 3G como antecedentes dos pronomes seu(s) e sua(s) é sistemática, não é acidental,

isto é, essa sistematicidade deve ser codificada na gramática, de maneira a desconsiderar o uso de morfemas tradicionais. Vejamos no Quadro 9 abaixo, como podemos derivar os traços para os pronomes dele(s) e dela(s):

Quadro 9: Criação de traços dos pronomes dele(s) e dela(s) com foco na natureza dos antecedentes

| Antecedente | Pronome | Traços |
|-------------|-------------------|--|
| [3ª pessoa] | dele(s)/dela(s) ↔ | [−anafórico, +pronominal, −2ª pessoa, +3ª pessoa, −ligação de variáveis, +correferência, +específico, +definido, −pré-nominal, +pós-nominal] |

A partir do quadro temos os seguintes traços para o IV /dele(s)/dela(s):

(45) /dele(s)/dela(s)/ ↔ [−anafórico, +pronominal, −2ª pessoa, +3ª pessoa, −ligação de variáveis, +correferência, +específico, +definido, −pré-nominal, +pós-nominal]

Bertolino e Grolla (2012) fazem um estudo sobre o pronome ‘ele’ e trazem algumas reflexões interessantes, que podem ser consideradas aqui. As autoras dizem que no PB o pronome ‘ele’ pode ter a leitura correferencial e a leitura localmente ligada. As autoras propõem que o ‘ele’ é uma expressão não especificada para ligação, uma UBE (*Unspecified Bindable Expression*). Os pronomes seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) parecem também ser subespecificados para ligação.

Considerações finais

Por meio do arcabouço teórico da MD mostramos que os pronomes possessivos seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) não atuam como prevê o Princípio B da Teoria da Ligação, já que esses elementos apareceram tanto em contextos de RD, como em contextos de RF. Tais pronomes são subespecificados, ou seja, os IVs não são plenamente especificados para a inserção em uma determinada posição sintática, de modo que, esses pronomes parecem possuir menos traços que os traços existentes no nó terminal. A subespecificação atua sobre os IVs e não sobre os nós, que continuam integralmente subespecificados.

No entanto, os pronomes seu(s) e sua(s) parecem ser mais subespecificados do que dele(s) e dela(s), pois possuem diversos tipos de antecedentes: 3ª pessoa, 2ª pessoa, 2G e 3G ocasionando o fenômeno de sincretismo, já que tais antecedentes possuem mais de um traço sintático-semânticos, sendo retomado pelo mesmo conteúdo fonológico. Além disso, os pronomes seu(s) e sua(s) são mais encontrados em contextos RD do que em contexto de RF, possuindo então mais traços de anáforas do que pronomes, enquanto dele(s) e dela(s) apresentam mais traços de pronomes. Desse modo, consideramos os traços para os IVs /seu/sua(s)/ e /dele(s)/dela(s)/ respectivamente demonstrados a seguir:

(46) /seu(s)/sua(s)/ ↔ [+ligação de variáveis, −correferência, −específico, −definido, +pré-nominal, −pós-nominal]

(47) /dele(s)/dela(s)/ ↔ [-2ª pessoa, +3ª pessoa, -ligação de variáveis, +correferência, +específico, +definido, -pré-nominal, +pós-nominal]

Mioto *et al.* (2016), quando apresentam a ‘ec’ PRO¹², a classificam como [+anafórico, +pronominal], os autores explicam através do Teorema de PRO, que este não tem categoria de regência. Embora, os pronomes seu(s), sua(s), dele(s) e dela(s) sejam, na maioria dos casos regidos, por receberem Caso, esses parecem possuir os mesmos traços que PRO: [+anafórico, +pronominal], pois se comportam tanto como pronome, quanto como anáfora, sendo o seu(s) e sua(s) aparentemente mais anafóricos e dele(s) e dela(s) mais pronominal.

Referências

- ARIEL, Mira. Accessibility theory: *an overview*. In: SANDERS, T.; SCHILPEROORD, J.; & SPOOREN, W. (eds.). *Text representation: linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Co, 2001.
- BASSANI, I. DE S.; MINUSSI, R. D. Sobre o conteúdo fonológico das raízes: raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala. *Revista do GELNE*, v. 22, n. 2, pp. 267-79, 6 nov. 2020.
- BERTOLINO, Karina G.; GROLLA, Elaine. *O pronome “ele” está sujeito ao princípio B? Uma discussão sobre os resultados experimentais*. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 8, n. 2, dez. de 2012.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. *O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. (11/21973-1)
- EMBICK, D. *The Morpheme: A Theoretical Introduction*, volume 31. Mouton de Gruyter, 2015.
- HALLE, Morris; Alec MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HALLE, Morris. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: BRUENING, B.; KANG, Y.; MCGINNIS, Martha (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics 30: Papers at the Interface*, Cambridge, MA, MIT Press, 1997, pp. 425-49.
- HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. *Semantics in Generative Grammar*. Malden, Mass, Oxford, U.K.: Blackwell, 1998.
- MENUZZI, Sérgio. 3rd person possessives in Brazilian Portuguese: *On the syntax-discourse relation*. University Centre for Computing Corpus Research on Language (UCREL), v. 8, pp. 191-210, 1996.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. Teoria da Ligação. In: *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 207-33.

¹² Prozão.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. *A gramática das formas possessivas no português do Brasil*. São Paulo: Campinas, 1997.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. *Anáfora Pronominal*. Revista Letras, Curitiba: Editora da UFPR, jul./dez. 2001 n. 56, pp. 259-75.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula. *Pronomes E Anáfora - O Estado Da Arte*. São Paulo: USP, 2000.

REINHARDT, Tanya. *The Syntactic Domain of Anaphora*. Ph. D. Dissertation. Cambridge, Mass., USA, 1976.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Morfologia em Morfologia Distribuída: *Morphology In Distributed Morphology*. Salvador: Estudos Linguísticos e Literários, jan.-jun. 2013, n. 47. pp. 9-29.

SOUZA, Mônica dos Santos. *Estudo da Referência Indeterminada do Pronome “Você” na Perspectiva Funcionalista da Linguagem*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.